

Olhares à Virgem

O Sábado era o dia dedicado à Virgem. Os pais iam rezar o Santo Rosário, juntamente com outras famílias, à paróquia de São Bartolomeu, e levavam-no se promettesse ficar quieto e portar-se bem, o que não era nada fácil. E com a mesma promessa assistia à Sabatina: bênção solene com o Santíssimo Sacramento e canto da Salve-Rainha.

Quando o menino era mais velho, os pais ensinaram-no a rezar o *Angelus*. Todos os dias, quando o relógio batia as doze badaladas, o Relojoeirinho, agitado, andava às voltas, recordando à família a recitação do *Angelus*: São Gabriel não lhe perdoaria esse esquecimento.

Durante o mês de Maria, todos levavam flores. E ele também. Na sua mão, bem apertada, levava um ramo de flores e colocava-as ele mesmo diante da Senhora do Céu, dirigindo à Virgem um olhar sorridente por aquele detalhe audaz.

D. José e D. Dolores eram muito piedosos e ensinaram aos filhos algo que costumavam viver: olhar e saudar as imagens da Santíssima Virgem, em casa ou na rua ao passar por alguma. Josemaria aprendeu isto rapidamente e o Relojoeirinho era quem mais colaborava nesta devoção:

- Olha-a, Josemaria, diz-lhe que a amas. Ali, ali...no quadro da parede!
Assim o pequeno habituou-se a saudar a Virgem e a dirigir-lhe também uma jaculatória: "Bendita seja a tua pureza... Doce coração de Maria..."
- E dá-lhe também um beijo...

Era fácil. Fazia o mesmo com D. Dolores; desde pequeno nunca saía de casa sem ir ter com ela para se despedir com um beijo. E parecia-lhe natural fazer o mesmo com a sua Mãe do Céu.



Vida y venturas de un borrico de noria
© Paulina Mönckeberg, 2004, © Ediciones Palabra, S.A., 2004